

REFLEXOS DA IDENTIDADE RELIGIOSA DA PESSOA SURDA NA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM LIBRAS E SUAS IMPLICAÇÕES NA TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO.

Janaína Aguiar Peixoto-UFPB¹
Robson de Lima Peixoto-UFPB²

Atualmente, para incluir a pessoa com surdez no ambiente religioso, não basta apenas disponibilizar um Intérprete de Língua de Sinais no palco do templo e reservar cadeiras preferenciais, para que os surdos simplesmente assistam os rituais religiosos realizados pelos ouvintes. No modelo atual, vemos surdos nas posições de: pastores, padres, missionários, professores de ensino religioso e diáconos, atuando efetivamente nas missas, cultos e encontros religiosos. Escrevendo assim, um novo cenário religioso com suas próprias mãos, onde a personagem denominada TILS (Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais) desce do palco, mas continua desenvolvendo o seu trabalho. Porém, neste contexto, a tradução realizada consiste na transmissão da mensagem em LIBRAS (língua fonte) para a Língua Portuguesa (língua alvo). Para o bom desempenho desta tarefa tradutória é essencial que este profissional possua a competência referencial, e o desenvolvimento desta competência ocorre quando o intérprete ao conviver com pessoas surdas conhece sua cultura, adquirindo tanto domínio linguístico, como conhecimento de questões culturais. Nesta cultura, a identidade não é homogênea, pois uma pessoa Surda possui uma identidade multifacetada, ou seja, com recortes de raça, gênero, idade, escolaridade, dentre outros. A intenção do presente trabalho é contribuir com um estudo voltado ao recorte da religião. Partindo da realidade que as religiões são norteadoras de comportamentos nas culturas, ao fazer esta pesquisa no contexto religioso da comunidade surda objetivou-se captar a essência desta cultura. Com isto, esta pesquisa de campo qualitativa, realizada, na UFPB-Campus João Pessoa, com representantes da comunidade surda pessoense, fundamentada teoricamente nas reflexões de alguns autores, pesquisadores da Língua de Sinais, como: Skliar (2005), Quadros (2004) e Strobel (2007); da linguística: Vosler (1959), Saussure (1995) e Vigotsky (2001) e da área de ciências das religiões como: Otto (2007) e Eliade (2010) buscou analisar a variação linguística em LIBRAS que reflete a identidade religiosa das pessoas surdas e suas implicações para a tradução/interpretação nos ambientes religiosos. Na primeira etapa, para a análise bibliográfica da ocorrência de variação linguística em dez sinais do contexto religioso foram utilizadas três publicações: o Dicionário Enciclopédico Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Capovilla, 2008), o Glossário dos Testemunhas de Jeová (Tratados, 1992) e o Glossário Cristão (Bahia, 1991), sendo respectivamente, uma publicação não confessional, e duas confessionais de religiões que possuem representações de fiéis surdos. Depois do estudo bibliográfico, foram realizadas entrevistas semi - estruturadas para a confirmação dos valores semânticos e pragmáticos dos léxicos selecionados. Neste estudo foi constatado que o léxico utilizado pelo sinalizador revela sua crença, fato este comum em algumas línguas orais, onde um fiel de determinada religião não pronuncia o léxico da mesma maneira que um fiel de outra religião. Com isto, o respeito à variação linguística confessional e à definição dada pelos surdos para cada sinal é de extrema relevância para a qualidade da tradução nos ambientes religiosos, visto que ideias opostas podem ser transmitidas equivocadamente, por falta de conhecimento das reais crenças deste povo.

¹ Mestre em Ciências das Religiões, Professora da UFPB (Universidade Federal da Paraíba) no curso LETRAS/LIBRAS, Tradutora e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais.

² Mestrando em Teologia, Especialista em LIBRAS, Licenciado em Letras/LIBRAS pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), Professor da UFPB (Universidade Federal da Paraíba) no curso LETRAS/LIBRAS.

INTRODUÇÃO

Percebe-se que, na história é dado um grande destaque à atuação de religiosos *na* comunidade surda, enquanto existe uma história paralela que é a atuação *da* comunidade surda nas religiões, ou seja, as manifestações das crenças destes sujeitos construtores de sua própria história, que normalmente não é relatada. Esta realidade foi o ponto crucial que motivou este estudo sobre a variação linguística no vocabulário religioso da LIBRAS como reflexo da identidade religiosa da pessoa surda e suas implicações na tradução/interpretação.

Quando falamos de uma história construída pelos surdos, estamos afirmando literalmente que através da sua forma singular de comunicação, suas “mãos gritaram” e reivindicaram o direito de ser diferente, trazendo em evidência esta luta antiga que nunca parou, e a cada ano que passa, tem se tornado mais forte através das conquistas. Neste cenário o profissional denominado Tradutor/Intérprete de Língua de Sinais tem um papel fundamental.

Este respeito ao direito de ser diferente, tão reivindicado, leva-nos a refletir sobre a presença do multiculturalismo no ambiente religioso, que até pouco tempo apresentava apenas um único modelo: os surdos como um grupo minoritário integrado na comunidade religiosa, que tem sua representação maior de ouvintes. Grupo este que participa das liturgias e rituais na religião da qual é adepto.

Atualmente, outro modelo surgiu: a comunidade surda brasileira possui Igrejas, reuniões e eventos liderados pelos surdos tendo espectadores ouvintes. Neste contexto, a atuação do Intérprete de LIBRAS acontece de forma inversa. Para exemplificar esta construção da democracia participativa, pensemos nos rituais mais simples e comuns à maioria das religiões, como os cânticos, as orações, rezas ou meditações como veremos a seguir.

1- RELIGIÃO, UM RECORTE DA CULTURA SURDA

O Povo Surdo possui uma visão de mundo própria então suas verdadeiras manifestações de crenças religiosas partem desta cultura, construída por informações visuais e não sonoras, expressadas através de uma língua de modalidade visuo-espacial.

Através das suas vozes, os ouvintes expressam seus cânticos sagrados e os surdos, por sua vez, expressam estes mesmos cânticos através das mãos, e de expressões corporais. Além

disso, também compõem músicas próprias em LIBRAS, que expressam beleza e fé, originadas de sua cultura.

O ritual de meditação, oração ou reza, de mãos dadas e olhos fechados, praticado tão corriqueiramente por um grupo de ouvintes, tem uma versão um tanto quanto diferente para os surdos. O surdo que está direcionando este momento de oração fecha os olhos e fica com as mãos livres para se expressar em língua de sinais, os demais ficam de mãos dadas e olhos abertos para ver a sinalização. Os dois integrantes do círculo, que estão ao lado do sinalizador, colocam uma de suas mãos sobre o ombro dele, pois o mesmo não pode dar as mãos, por estar movimentando-as.

É inegável a presença de várias peculiaridades como estas na realização dos rituais, bem como, na forma de expressão. Pois, independente de sua crença, eles têm suas convicções de fé. São atuantes nos ambientes religiosos e grandes formadores de opiniões, sejam Testemunhas de Jeová, Evangélicos, Espíritas, Católicos ou Budistas.

Neste contexto religioso, para um ato tradutório de qualidade, que leva em consideração os conceitos e a rede de significação base da identidade religiosa das pessoas surdas é de fundamental relevância o conhecimento dos sinais específicos de cada religião (variação lingüística).

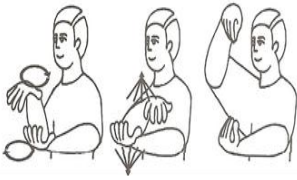


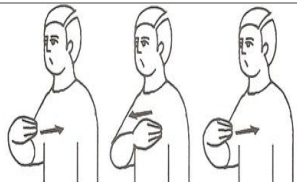



O Linguista Vosler (1959,p:66) exemplifica de forma esclarecedora este fato de uma identidade religiosa ser identificada numa determinada língua por meio de uma variante lingüística: “Na Bósnia, por exemplo, onde vivem todos juntos ortodoxos, maometanos e católicos é possível reconhecer as diferenças confessionais religiosas com base em certas peculiaridades da fala.” O autor dá vários exemplos disso, onde ele cita o fato de os protestantes pronunciarem *Jesykrist* e os católicos *Jesykri* (Jesus Cristo), ou ainda, em espanhol *Dios* (Deus) sofre a variação para *Dio* pelos espanhóis judeus. Isto comprova que assim como na LIBRAS outros idiomas também refletem variações lingüísticas por consequência da fé religiosa professada pelo usuário da língua em questão.

Vejamos a seguir na síntese do percurso metodológico desta pesquisa, como aconteceu esta constatação na LIBRAS para refletirmos sobre a importância deste fenômeno lingüístico na tradução.

2- O PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa foi realizada na UFPB - Campus I e a amostra populacional consistiu em oito pessoas com Identidade Surda³, com idade entre 20 e 50 anos religiosos e não religiosos. No primeiro momento, foi realizada uma análise do vocabulário da LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais, ligado ao contexto religioso, onde os glossários⁴ desta língua, produzidos nas religiões que tem representação surda, foram analisados de forma comparativa com o Dicionário enciclopédico ilustrado trilingüe da língua de sinais brasileira (CAPOVILLA, 2008) para averiguar se o léxico analisado sofria variação, como veremos nos exemplos de três sinais abaixo:

Figura 1: Análise bibliográfica da variação linguística

Sinal	Dicionário Trilingue Capovilla Sinal laico (sem religião)	Glossário Cristão	Glossário Testemunha de Jeová
ALMA			
PECADO		Sem variação	
DIABO		Sem variação	

(Fonte: Quadro elaborado pela autora)

Depois desta pesquisa bibliográfica passamos a etapa das entrevistas para a realização de uma análise semântica e pragmática destes signos, que serviu como base para as reflexões sobre a tradução/interpretação neste contexto.

³ Os surdos que possuem este tipo de identidade têm um elo de pertencimento com a comunidade surda e está totalmente inserido nela. Tem uma identidade política com militância pelo direito de ser diferente, faz uso da língua de sinais e, normalmente, é surdo congênito ou ensurdeceu muito cedo.

⁴ Glossário de sinais Cristãos, com sinais utilizados por Católicos e Evangélicos: Clamor do Silêncio-Manual de Sinais Bíblicos (1991), Glossário de Sinais dos Testemunhas de Jeová (1992).

3- UMA ANÁLISE SEMÂNTICA E PRAGMÁTICA

Experimente perguntar o que significa Deus, Santo, Salvação, etc, para uma pessoa com Identidade Surda. Você perceberá a importância de conhecer o conceito atribuído por eles para determinados léxicos na Língua de Sinais. Isto determinará a qualidade da sua interpretação. Abordaremos a seguir um (1) dos muitos resultados que obtivemos com esta experiência de trabalho.

Na apresentação do léxico *alma*, duas idéias distintas, foram achadas, durante as entrevistas. A primeira idéia encontrada partiu da observação de um dado que se repetiu nas respostas dos colaboradores da pesquisa: o relato de experiências pessoais com almas, seja através de sensação, ou de visualização. Ficou evidenciado que a resposta mais espontânea dos surdos extraída no momento imediato à visualização do sinal laico de *alma*, feito pela entrevistadora, diz respeito a esta vivência da experiência com “almas penadas”. Como veremos no exemplo a seguir:

Entrevistador: O que é ALMA?

Surdo T: “Às vezes em casa quando estou usando o computador passa uma alma na minha frente. Também já aconteceu, uma vez quando eu estava no trânsito e uma alma passou na minha frente e eu quase fui atropelado. Também já senti batendo no meu ombro e me assustei.”

Entrevistador: Você vê alma?

Surdo T: Sim. Vejo de verdade.

Entrevistador: E a sua alma?

Surdo T: Minha alma?! Eu não tenho alma. Só vejo almas que são como pó transparente. Eu sinto uma luz movimentando-se no escuro. Quando isto acontece, eu ascendo à luz para parar de ver isto.

Vimos, então, que durante a análise desta primeira ideia não surgiu dúvida sobre a significação resgatada ao utilizar o léxico da língua de sinais padrão. Através deste dado é possível refletir, por exemplo, sobre qual a melhor tradução para um trecho tradicional do hino nº 375 - Segurança, que faz parte da coletânea de hinos do Cantor Cristão (JUERP, 1987). O trecho diz: “Canta minha alma, canta ao senhor, rende-lhes sempre ardente louvor.”

Com isto, se este dado encontrado no presente estudo não for considerado e durante a tradução for utilizado o sinal habitual para alma (FIGURA 1), a idéia original da canção não será preservada. Pelo contrário, ao utilizar o sinal habitual na sentença “canta minha *alma*”, a mensagem que chegará ao surdo será “canta *fantasma* ao Senhor”. Neste caso a possibilidade

de tradução deste trecho seria a transmissão da ideia: “eu canto ao Senhor com sentimento verdadeiro” ou “meu interior coloca para fora um cantar”.

A segunda idéia encontrada durante as entrevistas é a definição por parte dos surdos de *alma* como algo da própria pessoa. Esta “coisa” contém as características de personalidade e está ligada aos sentimentos, ânimo e conduta moral do indivíduo. Nesta compreensão, a *alma* é aquilo que se desprende do corpo e vai para cima ou para baixo.

Este segundo sentido encontrado para a alma, durante as entrevistas, só foi possível através da utilização de um sinal, como veremos na FIGURA 2, extraído do discurso de um dos entrevistados.

FIGURA 2: Segundo sinal de alma encontrado durante a pesquisa



(Fonte: Foto da autora)

Esta foi uma descoberta importante durante a pesquisa, pois encontramos mais uma variante, um sinal não registrado nas publicações brasileiras consultadas para *alma*, que auxilia na distinção das duas idéias existentes para *alma* na língua de sinais.

Ao analisar a variação linguística confessional, torna-se evidente as implicações disto para uma tradução, pois o Tradutor e Intérprete de LIBRAS precisa conhecer e respeitar os sinais do público para qual está traduzindo. Se for um público específico, em algum evento religioso, este profissional precisa utilizar a variante daquela comunidade religiosa surda. Se o intérprete desconsiderar a variação linguística numa situação de interpretação da Libras para a Língua Portuguesa, onde um líder religioso surdo realiza uma cerimônia de casamento, por exemplo, ideias podem ser transmitidas equivocadamente.

Outro fator que nos leva refletir quando abordamos as identidades em questão num ato tradutório é quanto à imparcialidade deste profissional ao interpretar da Língua portuguesa para Libras para um público misto, uma plateia de um congresso acadêmico, por exemplo. Neste caso, o Intérprete não poderá utilizar um sinal confessional que exprima a sua fé pessoal, mas um sinal laico (apresentado nos exemplos do quadro) que atingirá todo o público de surdos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo assim, os resultados desta pesquisa abrem espaço para maiores reflexões sobre a atuação do Tradutor e Intérprete de LIBRAS no âmbito religioso levando em consideração que a religião é um recorte da Identidade Surda multifacetada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAPOVILLA, F.C. **Dicionário** enciclopédico ilustrado trilingüe da língua de sinais brasileira: sinais de A a L. 3.ed. São Paulo: USP, 2008.

CAPOVILLA, F.C. **Dicionário** enciclopédico ilustrado trilingüe da língua de sinais brasileira: sinais de M a Z. 3.ed. São Paulo: USP, 2008.

DEUS, K.L.A. **Língua de sinias brasileira: libras III**. São Paulo: Know How, 2010.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. 3ª Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

JÚNIOR, J.E.G.S. **Teorias e Práticas de tradução e interpretação da língua de sinais**. São Paulo. Know, 2010.

OTTO, R. **O Sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional**. Petrópolis: Vozes, 2007.

PEIXOTO, J.A. **O conceito de sagrado dos surdos congênitos: um estudo na língua brasileira de sinais**. João Pessoa: UFPB, 2011.

QUADROS, R.M. **Estudos Surdos II**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1995.

SKLIAR, C. **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005.

STRÖBEL, K. L. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2008.

TRATADOS, S.T.V.B. **Linguagem de sinias**. São Paulo. Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados. 1992.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. Edição eletrônica: Ed Ridendo Castigat Mores (www.jahr.org). 2001.

VOSSLER, K. **Estpiritu y Cultura em el Lenguaje**. Madrid: Ediciones Cultura Hispanica, 1959.